

Estou convencido que é no campo político que o governo do presidente Figueiredo se imortaliza." A conclusão é do líder do PDS na Câmara, Nélson Marchezan e ela foi anunciada ontem em meio ao seu discurso de despedida de mais um ano legislativo, no qual destacou o fortalecimento do Poder Legislativo, via abertura democrática, as conquistas econômicas em meio à crise e o fim da fase de intervenção militar.

Já o presidente da Câmara, Flávio Marçal, candidato a vice na chapa malufista, assinalou em seu discurso que o encerramento do ano parlamentar coincide com o fim do chamado ciclo revolucionário, iniciado em 1964, e previu que o Congresso retomará suas atividades, em março, "sob uma nova aurora".

Marchezan iniciou seu discurso com os tradicionais agradecimentos à atuação dos parlamentares, passando, a seguir, a destacar a aprovação dos projetos da microempresa, da informática, da lei salarial e da reforma tributária, como o fato mais importante do ano.

Com o fortalecimento do Poder Legislativo, no decorrer do ano, segundo ele, o Congresso ganhou em prestígio e respeito no âmbito da sociedade brasileira. Entre os tantos elogios à atuação de Figueiredo, lembrou especialmente os cumprimentos de fim de ano, dia 22 passado, quando oposicionistas e governistas, em conjunto, foram ao presidente demonstrar sua solidariedade. Para ele, foi "um espetáculo cívico de congraçamento político como não se via há 20 anos neste país".

Como conquistas do presidente lembrou seu juramento de "fazer deste país uma democracia; a anistia política, que permitiu a volta dos exilados ao País e dos cassados à vida política; as eleições diretas para governador; e sua isenção no processo sucessório". Considerou Figueiredo "um pacificador, como Caxias, a vincar o roteiro das Forças Armadas na tradição brasileira de firmeza ideológica e de fidelidade às instituições".

"... já ninguém mais duvida da palavra

6 DEZ 1984

A JORNAL DA TARDE

ULTIMA SESSÃO DO CONGRESSO

É o fim da fase de
intervenção militar, disse
Nelson Marchezan. É o fim
do ciclo revolucionário,
concluiu Flávio Marçal.

do presidente", disse Marchezan, ao citar as dificuldades encontradas no processo de democratização: "...quero eu, nesta oportunidade, expressar o reconhecimento pelo que não vimos, pelo que não sabemos e que, não obstante, tornou viáveis aquelas medidas".

Ressalvando sempre que foi "um governo de crise", Marchezan apontou o crescimento agrícola, o aumento da produção energética e a consequente redução na dependência externa entre as principais conquistas econômicas.

"Nova era"

Ao prever o início de "uma nova era" quando da volta aos trabalhos legislativos em 1985, o presidente da Câmara, Flávio Marçal, disse também que "essa nova aurora virá com um novo governo que há de consolidar a abertura democrática sem revanchismos, mas sem novas oportunidades aos que abusaram do poder e que toda a Nação identifica".

Marçal fez questão de lembrar que o

PDS não correspondeu às expectativas do presidente Figueiredo: "Desmoronou-se pelos vícios decorrentes de sua própria formação". E completou: "Enquanto isso, os partidos de oposição, devido às perseguições que sofreram, se retemperaram nessa luta e se firmaram na sua unidade".

Em sua participação, o líder do PMDB, deputado Freitas Nobre, começou por assinalar que graças à utilização dos instrumentos que a própria ditadura construirá para sua preservação — como o Colégio Eleitoral — "abrem-se perspectivas de uma fase democrática". Freitas lembrou que a luta do povo prosseguiu, apesar de todos os obstáculos: "Nossos companheiros enfrentaram os expedientes mesquinhos que fizeram do dinheiro a legenda, da corrupção a bandeira e da falta de patriotismo, o altar". Houve também elogios de Freitas a Figueiredo: "Embora enfrentando ainda algumas reações ditatoriais dentro do próprio governo, ele facilitou o encontro da Nação com o Estado".

Pelo PDT, o líder Brandão Monteiro classificou o ano parlamentar como "profícuo", mas disse esperar mais do próximo. O líder do PTB, Celso Peçanha, assinalou que este foi um ano de "firmação do povo". Pelo PT, falou o líder interino José Genoino, e começou por prestar uma homenagem ao ex-líder Álton Soares, que se afastou da função por não concordar com a posição de seu partido de não ir ao Colégio.

Como presidente do Senado, Moacyr Dalla encerrou a sessão defendendo um profunda reformulação política no País que, no seu entender, deve começar por um novo ordenamento constitucional, "e sem casuismos". Sustentou ainda que o tempo é de mudanças: "Se não acompanharmos suas novas exigências evolutivas, haverá perda de tempo. O povo aguarda, com esperança, o advento de um sistema onde governo e oposição desempenhem suas funções com prudência e bom senso". Por fim, lamentou ter sido "frequentemente crucificado, enquanto outros me atribuíram intenções que jamais tive e deram como fatos consumados ações que jamais pratiquei".